

Maluf chama de "imoralidade" acordo no Senado

E deixa em aberto possibilidade de votar em Alencar Furtado. A decisão será da bancada, hoje

J. FRANCA



Cerca de 50 deputados foram receber Maluf no Aeroporto

"O acordo no Senado não é um acordo; é uma imoralidade política". A declaração foi feita pelo deputado Paulo Maluf, candidato do PDS derrotado à Presidência da República, marcando o seu retorno à atividade política aqui em Brasília, onde desembarcou às 11h30min de ontem, depois de 35 dias de férias pela Europa. Maluf mostrou-se interessado em se informar sobre as conversações e os entendimentos em curso no Congresso para a composição das mesas das duas casas.

Logo após chegar, Maluf reuniu 50 parlamentares em sua residência no Lago Sul. Hoje, participa da reunião do PDS marcada para escolher os seus representantes na Mesa da Câmara e deixa em aberto a possibilidade de apoiar o candidato dissidente do PMDB, Alencar Furtado (PR). "O primeiro voto de Alencar Furtado deveria ser de Ulysses Guimarães", desconfiou.

INCOERÊNCIA

Além de "imoral", o acordo no Senado, que assegura a partilha dos cargos da Mesa entre PMDB e Frente Liberal, é, segundo Maluf, "uma verdadeira demonstração de incoerência política". Para ele, o PMDB "adotou uma posição autoritária que muito criticou, embora os governos revolucionários sempre respeitassem o critério de proporcionalidade, elegendo mesas pluripartidárias".

— O acordo no Senado — continuou — não é um acordo, é uma imoralidade política, porque mesmo quando durante todos esses anos, os partidos antigos (PSD, UDN e PTB) ou os partidos modernos (Arena e PDS) nunca excluíram ninguém da Mesa do Senado, porque a Mesa é representativa do partido e não única e exclusivamente de uma maioria eventual resultante de um conchavo espúrio. O PDS é o partido que tem maior número de senadores e, portanto, tem o direito as-

segurado pela tradição a ter a presidência da Casa".

CONTINUISMO

Ainda no Aeroporto, em sua entrevista à imprensa, Maluf investiu violentamente contra o anunciado Ministério do futuro presidente Tancredo Neves, tachando-o de continuista e negando, com isso, qualquer possibilidade de mudanças. "Não mudou nem o rótulo e a cachaca ainda é pior", observou, para acrescentar que sua desesperança se fundamenta no fato de que o governo da anunciada Nova República é formado de ex-arenistas e ex-pedessistas e alguns pedessistas ditos ortodoxos.

— Ora — notou —, como mudar se os homens que estão sendo ventilados para exercer cargos públicos são todos ex-governadores biônicos da Arena, do PDS; ex-prefeitos biônicos da Arena, do PDS; e mais alguns ainda que não são dos últimos 20 anos porque são dos últimos 30 anos.

O ex-candidato a presidente da República não quis confirmar a informação de que o grupo malufista estaria disposto a apoiar a candidatura independente do deputado Alencar Furtado (PMDB-PR), em represália ao acordo acertado no Senado que excluiu os pedessistas da Mesa diretora daquela casa legislativa, embora o PDS ali forme a maior bancada.

— Acho — desconversou — que o deputado Alencar Furtado deveria ter como primeiro voto não o voto do Paulo Maluf como deputado. Mas, o primeiro voto de Alencar Furtado deveria ser o voto do próprio Ulysses Guimarães, porque o PMDB tem uma dívida política muito grande com Alencar Furtado, eis que foi cassado num mesmo programa de que participaram Ulysses Guimarães e Franco Montoro. Agora, a decisão da bancada do PDS vai ser tomada amanhã (hoje) e essa decisão é soberana; não é minha.

Ainda comentando a anunciada composição do Ministério do presidente eleito Tancredo Neves, Maluf criticou a corrida "desavergonhada" em busca dos cargos públicos de primeiro e segundo escalões, que ele considerou como outra incoerência política "daquelas que criticavam os governos da Revolução".

— A corrida desenfreada de alguns políticos da chamada Aliança Democrática é uma desenfreada corrupção, porque não passa da troca pelos votos que deram ao candidato eleito — afirmou.

RECEPCÃO

Dos 92 deputados contatados pelo deputado Bayma Júnior (PDS-MA), organizador da recepção ao ex-governador de São Paulo, compareceram cerca de 50 e apenas três senadores — Alexandre Costa (MA), Odacyr Soares (RO), e Jorge Kalume (AC). Dos sete oposicionistas que votaram em Maluf no Colégio Eleitoral compareceram apenas dois: Aguinaldo Timóteo (PDT-RJ) e Raimundo Urbano (PMDB-BA).

Maluf foi recepcionado ao pé da escada do Boeing 767 da Transbrasil que o trouxe de São Paulo pelo seu companheiro de chapa, o deputado Flávio Marcilio, e por seu assessor de imprensa, jornalista Aderbal Figueiredo. Maluf veio acompanhado dos deputados Octávio Cesário (PR), Renato Cordeiro (SP), Santos Filho (PR), Gomes da Silva (CE) e Glória Júnior (SP), e do coordenador de sua campanha presidencial, o empresário Calim Eid.

Além de ter desprezado o jatinho da TAM Brasil Esperança, o candidato do PDS derrotado no Colégio Eleitoral dispensou também todo o aparato de segurança que o acompanhou durante toda sua campanha eleitoral. De seus antigos assessores, compareceram ao Aeroporto apenas o major Heitor Ferreira de Aquino e o jornalista Aderbal Figueiredo.